

Jovens Contra o Terceiro Reich

Francisco Carlos Teixeira Da Silva¹

Resumo: O artigo analisa as formas de inconformismo e dissenso juvenil na Alemanha nazista a partir da repressão às chamadas *cliquen*, associações informais de jovens que rejeitavam as diretrizes culturais, morais e produtivistas do Nacional-Socialismo. Tomando como ponto de partida os memorandos do *Obergruppenführer und General der Polizei* Reinhard Heydrich e, posteriormente, de Ernst Kaltenbrunner, sobre os “Asoziale”, o estudo demonstra como o regime identificou tais grupos como ameaças ao projeto totalitário, criminalizando comportamentos considerados desviantes, como a recusa ao alistamento na Hitler-Jugend, a rejeição ao trabalho disciplinado imposto pela Frente Alemã do Trabalho e a valorização de expressões culturais estrangeiras, especialmente o jazz. A partir de ampla documentação policial, administrativa e médica, o texto distingue três tipos principais de grupos juvenis: 1. associações vinculadas a práticas consideradas criminosas ou “associais”; 2. bandos com atitudes críticas ou políticas difusas; e 3. grupos de orientação liberal-individualista, como os *Swing Kids*. Observa que tais formas de resistência não se enquadravam no modelo clássico de oposição organizada (*Widerstand*), mas constituíam expressões cotidianas e fluidas de *Resistenz*, enraizadas nas camadas populares e médias da sociedade. O texto argumenta que, apesar do uso sistemático da violência e da vigilância, o regime nazista foi incapaz

¹ Professor Titular de História Moderna e Contemporânea da UFRJ

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

de alcançar o convencimento ideológico pleno, revelando os limites práticos do projeto totalitário. Ao recuperar experiências marginalizadas pela historiografia tradicional, o texto contribui para uma compreensão ampliada da resistência social sob o Terceiro Reich.

Palavras-chave: Nacional-Socialismo; juventude; resistência; inconformismo social; fascismos.

Young People Against the Third Reich

Abstract: This article examines forms of youth nonconformity and dissent in Nazi Germany through the lens of repression targeting so-called *Cliquen*—informal youth associations that rejected the cultural, moral, and productivist guidelines of National Socialism. Taking as its point of departure the memoranda of Obergruppenführer und General der Polizei Reinhard Heydrich and, later, Ernst Kaltenbrunner concerning so-called “asocials” (*Asoziale*), the study demonstrates how the regime identified these groups as threats to its totalitarian project by criminalizing behaviors deemed deviant. These included refusal to join the Hitler Youth, rejection of the disciplined labor imposed by the German Labour Front, and the valorization of foreign cultural expressions, especially jazz. Drawing on extensive police, administrative, and medical documentation, the article distinguishes three main types of youth groups: (1) associations linked to practices classified as criminal or “asocial”; (2) gangs displaying diffuse critical or political attitudes; and (3) liberal-individualist groups, such as the Swing Kids. It argues that these forms of resistance did not conform to the classical model of organized opposition (*Widerstand*), but rather constituted everyday and fluid expressions of *Resistenz*, rooted in the popular and middle strata of society. The article contends that, despite the systematic use of violence and surveillance, the Nazi regime failed to achieve full ideological compliance, thereby revealing the practical limits of its totalitarian project. By recovering experiences marginalized by traditional historiography, this study contributes to a broader understanding of social resistance under the Third Reich.

Keywords: National Socialism; youth; resistance; social nonconformity; fascisms.

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

Em 1 de junho de 1938 o poderoso “Obergruppenführer und General der Polizei” Reinhard Heydrich (1904-1942)¹ dirigiu-se aos órgãos subordinados exigindo medidas imediatas contra as inúmeras associações “*kriminell-asoziale*” que se expandiam pelas cidades alemães. Assim, depois de cinco anos da fundação do Terceiro Reich, e de intenso processo de nazificação da sociedade, a cúpula do regime nazista afirmava a existência de associações, mais ou menos organizadas, que se negavam a seguir as “*Richtlinien*”, as diretrizes -, do NSDAP. No seu memorando, classificado de “estritamente reservado”, Heydrich anunciava, e exigia, medidas repressivas contra associações, que denominava como “*cliquen*” – um empréstimo da língua francesa ao idioma alemão. Na sua acepção original, em francês, “*clique*” significava um pequeno grupo de pessoas reunidas em torno de um interesse comum, por vezes tendo a sinonímia de “*coterie*” e, nem sempre, com um significado diretamente pejorativo. A germanização do termo, como “*cliquen*”, no plural, passou a designar, por sua vez, uma associação, mais ou menos formal, de tipo oculto ou pouco transparente, de pessoas que praticavam ou defendiam interesses escusos, e neste momento, contrários ao “*Geist*”, o espírito, do Nacional-socialismo.

Rapidamente identificou-se a continuidade do crime depois de 1933 com a existência de “*cliques*”, em especial de jovens, refratárias

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

ao mundo do trabalho imposto pelo Nacional-socialismo. Esse sentido conspiratório, tão típico da ideologia nacional-socialista, irá caracterizar pejorativamente as reuniões de jovens alemães, a maioria entre 13/14 até 22/23 anos, que se negavam a seguir as diretrizes do Terceiro Reich, não queriam se alistar na *Hitler-Jugend/HJ*, ou no "*Bund Deutscher Mädel*" /BDM - a associação de moças alemães - e, ainda, o considerado pelas autoridades do Reich, mais grave: tinham algum tipo de afeição pela música, o teatro, a literatura ou mesmo roupas e penteados de tipo britânico ou americano. Em especial o jazz era considerado, perante a música erudita alemã e a música folclórica, como um sinal da absoluta degeneração de uma arte - portanto, parte das chamadas "*Entartete Kunst*", a arte degenerada - proveniente de uma cultura e de uma raça de "*Untermenschen*", dita como sub-humanidade, negra e mestiça¹¹.

Muitos dos jovens, e mesmo adultos, se negavam aceitar empregos e colocações decididas pelo "*Deutsche Arbeitsfront*" ou pelos diversos "*Fürsorgeamt*" - os departamentos locais de emprego e assistência social. A "Frente Alemã do Trabalho" era a organização nazista que em 1933, substituíra os sindicatos alemães e buscava o fim do desemprego no país através de uma agressiva política de manipulação de empregos e da população desocupada, impondo ao conjunto da sociedade, normas fordistas de disciplina do trabalho. Normalmente eram postos de trabalho de baixa remuneração e

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

grande esforço físico, diferente dos empregos industriais, ou os “*blue-colors*” e, ainda, dos “*white-collars*”, das fábricas ou do serviço público, tais como se exerciam antes da Crise Mundial de 1929^{III}.

Outros simplesmente rejeitavam a disciplina de um mundo do trabalho cada vez mais duro, mal renumerado e marcado pelo automatismo da expansão das formas fordistas no âmbito do capitalismo^{IV}.

O NSDAP e seus líderes, ao mesmo tempo que sustentavam que o Terceiro Reich havia superado as tremendas consequências da Crise Mundial de 1929, buscavam sistematizar a exploração da classe trabalhadora, de pequenos proprietários alcançados pela crise, e funcionários – de empresas e do Estado. A maioria havia perdido seus postos durante a crise e agora tinham que se contentar com um emprego em piores condições^V. Por outro lado, qualquer modelo de organização social autônoma, mesmo de caráter frouxo e informal, gerava forte rejeição do Estado e do Partido. Da mesma forma, elogios ou romantização de uma época pré-industrial e pré-capitalista, de atores autônomos – que era bastante comum na juventude alemã –, ou, ainda, críticas ao processo de nivelamento social do capitalismo, era também muito malvisto e, mesmo consideradas formas de oposição ao Reich.

De forma subjacente, a existência de tais “*cliquen*” de jovens, em especial nas periferias das grandes cidades alemãs, como Berlim e

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

Hamburgo, desafiava a pretensão de realização do “projeto totalitário” do nazismo. Em sua concepção social não se concebia nenhum tipo de forma associativa que não estivesse contida na organização nacional-socialista, por ela dirigida e vigiada. A existência das “*cliquen*” de jovens é uma comprovação, por baixo ou “*from below*” como coloca a historiografia clássica dos movimentos sociais, que através das camadas sociais mais populares da sociedade alemã, que durante o Terceiro Reich, rejeitavam, na prática, o “projeto totalitário” nazista, da mesma forma que os demais projetos “totalitários” dos diversos fascismos. Embora a visão totalitária das relações Estado e sociedade civil, fossem as “*Richtlinien*” do Estado, jamais conseguiram, na prática quotidiana, se realizar. Formas extremamente maleáveis, e mesmo fluidas, de dissenso e de inconformismo, continuaram a existir durante todo o período da ditadura nazista, independente, por sua vez, de estruturas políticas organizadas de resistência, mais uma vez expondo a diferenciação, possível em língua alemã, entre “*Widerstand*” – as formas organizadas de resistência – e “*Resistenz*” – as formas mais fluidas de inconformismo.

Tais grupos de jovens e os demais inconformistas, com poucas exceções, não foram alvo de pesquisas históricas, expressando a valorização feita, mesmo que indiretamente, pela historiografia do fascismo, das formas políticas organizadas e altamente intelectualizadas de “*Widerstand*”, como os casos de Sophie e Hans

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

Scholl ou do Conde-coronel Von Stauffenberg – as únicas formas de resistência que mereceram destaque na grande historiografia^{VI}. A própria “República Federal”, antes e depois da Reunificação alemã, de 1990, buscou estabelecer uma “tradição” antinazista fundando suas origens nos atos de resistência das camadas sociais mais bem colocadas – mais uma vez, como o Caso Scholl e a conspiração militar de 1944 considerados exemplos de “*bürgerliche Courage*” – acabando por fixar uma continuidade histórica entre “pilares” da sociedade alemã – militares, burocracia estatal, o professorado alemão, entre outros – com o pensamento liberal, de forma a justificar a própria “Bundesrepublik” como a única herdeira da “boa” Alemanha^{VII}. A tradição de lutas operárias, abraçada pela extinta “República Democrática/DDR”, construída sobre as formas de resistência de socialistas e comunistas, foi relegada a um segundo plano depois da derrubada do Muro de Berlim, 1989^{VIII}. E confundida, de forma extrema, na continuidade de formas “totalitárias” entre o Nazismo e o Stalinismo. Enquanto isso, a “*Resistenz*” das camadas subalternas da sociedade, das formas moleculares de resistir, ditas “*from below*”, não tiveram nenhum lugar na História. Quando aparecem, pontualmente, as lutas e o inconformismo das classes subalternas são tratadas conforme uma vitimologia do nazismo, mas sem considerá-los como atores do processo de resistência e sem quaisquer contribuições para a Alemanha atual. Ao contrário da Itália, que entre 1943 e 1945, viveu uma guerra civil, a Alemanha, desde a

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

fundação da República Federal em 1949, passou a representar uma parcela da população alemã que se identificava, e se afirmava, “*também vítima de Hitler*”, e portanto livre da culpa coletiva em face do fascismo, igualando-se com os judeus, ciganos, povos eslavos e associais, todos vítimas de um “grupo de degenerados”, transformando a política em psicopatia. Transformava-se, pois, o fascismo numa manifestação de extremismo doentio, uma psicopatia social denominada de “hitlerismo” enquanto a resistência/*Widerstand*, das classes superiores da sociedade, passa a ser um caso de “coragem cívica”, um ato individual de defesa de suas ideias e projetos, mesmo em situações que podem gerar forte reação, consagrando o individualismo liberal como tradição fundante do novo Estado federal. Neste momento, a multidão de “antissociais”, os chamados “*die asoziale*” – desempregados, andarilhos, alcoólatras, mulheres rebeldes, jovens pacifistas, homossexuais – são empurrados para as páginas não escritas da História como um problema desagradável. Em verdade, as leis sociais do nacional-socialismo, a condenação dos chamados “preguiçosos” – “*Arbeitsscheuer*” e dos homossexuais – continuaram em vigor até o final dos anos de 1970.

Para estes nunca houve uma festa de bem-vindos ao lar.

Devemos destacar que a filmografia sobre o período se dedicou, de forma inédita e bem mais que a historiografia, a apresentar tais jovens, ditos por vezes, como “*Swings Kids*” ou “*Swing-*

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

Jugend”, abrindo um espaço na História para aqueles que até então não estavam contemplados. Este é o caso, por exemplo, do filme dirigido por Thomas Carter, de 1993 denominado exatamente “*Swings Kids*”. Temos, ainda, a aparição do tema dos inconformistas sob o Terceiro Reich na série de televisão alemã “*Löwengrube*”, exibida entre 1989 e 1992, onde a resistência de jovens aparece em um dos episódios, e, também, o filme austríaco, de 2007, dirigido por Wolfgang Beyer e Mona Ladurner, com o título de “*Schlurf – Im Swing gegen den Gleichschritt*” / “Arrasta-pé: o balanço contra o passo de marcha” – o título faz alusão à preferência dos jovens pelo jazz em vez das marchas militarizadas fascistas. Assim, recupera, já no seu título, a denominação, uma gíria alemã, “*Schlurf*” – a dança de tipo “arrasta-pé” –, como forma dos jovens nomearem as festas ao som de jazz, e considerada sob o nazismo bastante pejorativa, passando a expressão “arrasta-pé”, dança ou música de tipo jazz, a denominar os próprios jovens amantes da música.

O Jazz, e algumas formas de “*rhythm and blues*” chegaram à Alemanha através da Inglaterra e das rádios inglesas, em especial depois da turnê de grande sucesso de Nick LaRocca, um popular trompetista de jazz, e sua banda denominada “*Original Dixieland Jass* (sic!) *Band*”, nos anos de 1919 e 1920, e em discos, as primeiras gravações de jazz, feitas em Nova York, que passaram a fazer grande sucesso na época da República de Weimar.

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

Heydrich, em sua análise das “*cliquen*” dos jovens inconformistas, identifica-os como uma forma de decadência e de infiltração da cultura inferior negra e americana na comunidade ariana. Em seu memorando descreve pelo menos três tipos diferenciados de associações, conforme o tipo, origens e rigor dos laços que unem seus membros. No entanto, em todas as formas de associações, ou grupos, de jovens identificados como inconformistas, o Chefe das Polícias do Reich, caracteriza um claro posicionamento, e aspirações, contrárias à concepção de mundo do Nacional-socialismo. Heydrich concebe conforme a expressão alemã “*Weltsanschauung*”, um mundo germânico superior expresso na música erudita ou através das formas folclóricas camponesas, não permitindo nenhuma outra forma de manifestação cultural. No entanto, mesmo com todas as medidas brutais que a Gestapo e a Krimpo – “Polícia Criminal” – implementam contra os jovens desde 1933 e agravadas em plena guerra – com as grandes cidades alemãs sob bombardeio aliado^{ix} – tais jovens continuam contrariando as decisões do Partido e do Estado e realizando reuniões – com dança, música, cigarros e alguma bebida e um pouco de romance – em até avançado o ano de 1944.

Um diretiva de Ernst Kaltenbrunner, o novo “*General der Polizei*” após a morte de Heydrich, de 25 de outubro de 1944, portanto com os sinais já evidentes de derrocada do Terceiro Reich, denunciava a persistência de “*cliques*” de jovens alemães, que ele mesmo define

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

como “[*cliquen* são] associações de jovens, contrárias as diretrizes de concepção de mundo Nacional-socialista, que se reúnem para estabelecer formas diferentes [*sonderleben*] de vida^x”. A teimosia dos jovens havia, assim, sobrevivido ao poderoso Heydrich, morto em consequência de um atentado da resistência tcheca, e desafiava, ante penas brutais, a liderança do Reich num momento extremamente perigoso em que já se desenhava plenamente a derrota nazista.

Heydrich, mais tarde confirmado em sua análise por Kaltenbrunner, define a existência de três tipos frouxamente diferenciados de “*cliquen*”, reafirmando que devem ser, indiferentemente, criminalizadas todas as formas de associações de jovens, que vivam ou mesmo aspirem a viver, alheias aos ideais da *Hitler-Jugend* e do *Deutsche Arbeitsfront*^{x1}. Independente do grau de organização que tivessem as diversas “*cliquen*”, todos os seus membros deveriam sofrer punições como exemplo para aqueles que manifestassem qualquer tipo de rejeição ou desinteresse, em relação aos princípios da “*Volksgemeinschaft*” como representada pela *Hitler-Jugend*. As punições deveriam ser, especialmente, dirigidas para os jovens que ignorassem os deveres decorrentes dos ideais nacional-socialistas e expressassem qualquer falta de interesse – “*mangelnde Wille*” – em relação às obrigações da “Comunidade do Povo” e, muito especialmente, se negassem a contribuir, depois de 1939, com o “esforço de guerra”. Tais exigências, muito reforçadas por

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

Kaltenbrunner, se referiam não só a prestação do serviço militar – coisa praticamente impossível, mas que algumas confissões reformadas, como Batistas e as Testemunhas de Jeová, como vimos, pregavam – mas ainda, através de ações quotidianas que desrespeitassem o blecaute, de ajuda ao encaminhamento aos abrigos e de limpeza e reconstrução de áreas bombardeadas. Apesar dos meios brutais e de grande eficácia burocrática no alistamento militar, inúmeros jovens alegavam razões variadas para eludir o serviço militar – desde objeção de consciência até os estudos e cuidados de família –, em especial depois da Batalha de Moscovo, ao final de 1941, quando na frente oriental se desenha um sorvedouro de vidas^{xii}.

Em verdade, vários grupos de jovens aproveitavam os alertas de bombardeio para irem, de bicicletas, para os parques e periferias das cidades e, aí, tocar instrumentos musicais, cantar e dançar, num processo de negação da guerra e de indiferença na defesa civil. Tal recusa à participação no rescaldo das cidades era considerado fortemente danoso e hostil para com a *“Volksgemeinschaft”* e, mesmo, um ato de sabotagem ao esforço de guerra – *“Kriegsanstrengung”*, decorrendo daí severas penas e internação em campos de concentração^{xiii}.

O memorando de Heydrich, de 1938, lança mão, muito tipicamente, do socioleto fascista, do idioma desclassificatório do

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

nacional-socialismo, para caracterizar os diversos tipos de jovens associados nas "*cliquen*". São descritos como "*Mob*" – multidão, no sentido de massa bruta, ignorante; "*Blase*", "bolha"; "*Platte*", em associação com discos de eletrolas; "*Schlurf*", aqueles que arrastam os pés, em associação com danças americanas ou britânicas; "*Meute*", como bando de amotinados ou ainda "*Piraten*", desta feita uma autodenominação, que expressava o desejo dos jovens em ir contra as regras do nacional-socialismo, como no caso do grupo conhecido como "*Edelweißpiraten*". Assim, os jovens inconformistas são classificados pela repressão nazista em três grupos: (i) grupos com características de negação moral e de caráter criminoso; (ii) bandos com atitudes políticas de rejeição ao nacional-socialismo e (iii) grupos com atitudes liberais-individualistas^{XIV}.

Nenhum dos três grupos chegava a ter uma organização de tipo partidário, na clandestinidade, como faziam, por exemplo, os militantes clandestinos do Partido Comunista Alemão/KPD e do Partido Social-Democrata, o SPD, as duas organizações mais atuantes na clandestinidade após a colocação dos partidos políticos na ilegalidade – exceto, claro, o NSDAP – conforme a "Lei Contra a Formação de Partidos Políticos", de 14 de julho de 1933. Mesmo as organizações sionistas clandestinas – que visavam esconder ou levar para fora do país judeus –, como avaliaremos no caso do jovem Herbert Baum e seus companheiros de resistência –, eram mais bem organizados que as *cliquen*. Estas não poderiam ser, assim,

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

comparadas com a frouxa disciplina dos jovens inconformistas. Numa sociedade altamente disciplinada, hierarquizada e vigiada, tudo o que os jovens inconformistas não desejavam era viver numa organização clandestina regrada por normas autoritárias e por uma disciplina que emularia as próprias organizações nazistas. Os encontros e festas eram marcados de forma aleatória, frequentemente por boca a boca pouco tempo antes de acontecerem e muitas vezes em resposta imediata aos alertas de bombardeio aéreo. De certa forma, a aleatoriedade ou falta de organização dos grupos de jovens foi um fator que favoreceu sua persistência em plena ditadura nazista, não dando chance de uma repressão organizada ao realizarem os encontros de forma a surpreender os próprios envolvidos, e, assim, não permitir denúncias ou a observação pela repressão. O próprio Heydrich reconheceria que se tratava de segmentos sociais diversos e de pouquíssima regulação, dificultando a ação da polícia.

No entanto as organizações de jovens clandestinas, poderiam ser autoreconhecidas por alguns sinais externos, por vezes desafiadores, que identificavam os membros do grupo, tais como o uso da flor, ou de uma representação, da *Edelweiß*^{xv}, anéis de caveira emulando peças ou representações de piratas, botões coloridos ou de formatos especiais na roupa, em especial casacos e pulôveres de tipo inglês. Muitas vezes se tratavam por apelidos anglicizados, do tipo "Joe", "Bobby", "Mary" ou "Billy", expressando a admiração pela cultura anglo-saxã. Não havia nenhum tipo de rito de iniciação ou

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

prova de qualidade ou caráter para participar das reuniões – o que, por certo, chocava as mentes dos SS e outros grupos nazistas, regidos por longas e pomposas cerimônias de iniciação. Nem mesmo possuíam uma frequência, ou regularidade, nas suas reuniões ou um lugar específico, podendo o grupo se decidir ao longo de uma saída de bicicletas, por um parque, por um vão debaixo de uma ponte, por uma casa abandonada ou uma praça de esporte vazia durante a noite. Nestes passeios de bicicleta procuravam manter distância entre eles e não chamar a atenção, ou impressionar a vizinhança^{XVI}. De qualquer forma existia, sob o regime nazista, um clima de delação voluntária bastante extenso na população civil alemã, o que levou várias vezes às prisões de dezenas de jovens, a partir da denúncia de um morador atento.

A principal força unindo os membros de cada “clique” eram os laços de amizade e um espírito aventureiro de claro desafio ao regime nacional-socialista. Muitas vezes tais associações de jovens possuíam membros comuns, havendo uma certa transversalidade e cruzamento de conhecidos comuns, no entanto evitavam a formação de multidões. A base social das associações era diferenciada, conforme o caráter dos grupos. Por vezes, eram jovens trabalhadores numa mesma fábrica, que podiam, durante a jornada de trabalho, combinar o passeio noturno de bicicletas e a reunião para ouvir música e dançar^{XVII}. Um ponto comum de interações eram as escolas, onde os adolescentes estudavam ou, mesmo, grupos de vizinhança,

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

não sendo incomum os convites cruzados, pondo em contato jovens de diversas extrações sociais. É nesse sentido, que em 1938, Heydrich faz uma dura crítica às lideranças da *"Hitler-Jugend"* por sua incapacidade de organizar tais jovens, não conseguindo interessá-los ou, ao contrário, de denunciá-los às autoridades^{xviii}. Inclusive, e de forma limite, foram registrados casos, em Colônia e Berlim, de jovens que teriam debochado e, mesmo, agredido fisicamente membros isolados das *"Hitler-Jugend"*. No entanto, Heydrich acusa, também, os professores e as famílias de não serem suficientemente "nacional-socialistas", permitindo que seus alunos e filhos se envolvessem com organizações antinazistas. Neste sentido, aponta a ausência dos pais – *"Abwesenheit"* – na Educação dos jovens e na frágil vigilância [sic!] que as autoridades exerciciam, incluindo a culpabilização dos pais pela ação antinacional-socialista dos adolescentes. Exige, então, um muito maior rigor repressivo contra as *"cliquen"*^{xix}. O Chefe das Polícias do Reich adverte, ainda, que os jovens envolvidos nas *"cliquen"* apenas "parecem" inofensivos, reunidos para banais conversas de rua e para ouvir música, mas em pouco tempo, com críticas crescentes ao Estado, e mais tarde contra a guerra, assumiam vínculos permanentes e passavam a ser uma ameaça ao Estado.

O natural *"Abenteuerlust"*, o desejo de aventuras, dos jovens acabava sendo canalizado para a oposição ao Estado e, por vezes, assumiam a liderança dos grupos individuais que possuíam, *"...por natureza uma ausência de bom caráter e forte negligência moral"*^{xx}.

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

Muitos jovens e adolescentes consideravam a vida de alguns “criminosos incorrigíveis” – e o mapa de crimes contra o Nacional-socialista era bastante amplo – como atrativas, de certa forma heroicas, considerando suas próprias rotinas, disciplinadas e hierarquizadas, não só enfadonhas como também opressivas. É assim que se formariam os primeiros grupos de jovens, ainda conforme, o “*Obergruppenführer*” da Polícia do Terceiro Reich, como uma reação ao trabalho e ao espírito produtivo da comunidade ariana do povo alemão. Para evitar a “romantização” da desobediência, como se refere o documento inicial, num memorando de 14 de dezembro de 1937 – após inúmeras condenações de “associais” que poderiam exercer algum tipo de influência sobre os jovens – o Ministro do Interior do Reich Wilhelm Frick (1887-1946), estabelecia o total isolamento de qualquer um que tivesse uma condenação por “vadiagem”, “desocupação” ou comportamento “associal” – que denomina de “criminosos habituais” ou “criminosos contumazes” – proibindo que frequentassem tavernas, “*kneipes*”, ou quaisquer outros locais onde houvesse música e bebidas, e assim pudessem ter contato com jovens e quaisquer relacionamentos com pessoas menores de 18 anos. Estes deveriam, também, evitar empregos ou serviços em bares e hotéis onde pudessem ter contato com “bebedores” alcoólatras e desocupados^{XXI}.

Esse primeiro grupo – identificado como (i) “*grupos com características de negação moral e de caráter criminoso*” – formava-

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

se em torno de andarilhos, absenteístas do trabalho, desocupados, músicos e artistas ambulantes. Muitos desses indivíduos, considerados pelo Reich como criminosos e denominados de “associais criminosos” eram, contudo, vistos pelos jovens como “perseguidos”, assumiam posturas indisciplinadas, desafiavam a ordem e a disciplina nacional-socialista – com brigas, bebedeiras, por vezes alguns pequenos roubos, em especial de roupas e comidas nas casas das periferias urbanas. Tais “*Wandervogel*” – ou “*clochard*” –, sem paradas certas, sem residência e sem trabalho fixos, foram, desde 1933, alvo frequente da repressão nazista que os classificava como “associais” e inúteis, sendo presos e internados em campos de trabalhos forçados. Quando eram considerados alcoólatras contumazes e apresentavam algum sinal de decadência física, eram imediatamente exterminados para não se constituírem em “*um peso para a comunidade do povo*”. Alguns, para grande horror da polícia, eram homossexuais já identificados e que preferiam vagar de cidade em cidade ante o risco de serem presos e internados, para morrer, em campos de concentração. De qualquer forma, cada um deles tinha uma história para contar, uma história de inconformismo e dissenso, o que fascinava muitos dos jovens tocados pela “*Abenteuerlust*” – o espírito aventureiro tão próprio de jovens e adolescentes –, para espanto dos senhores da ordem^{XXI}.

As causas de tantos homens optarem por uma vida errante – pois a maioria dos casos de “andarilhos” registrados na Alemanha

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

entre 1933 e 1945 era de homens – são múltiplas e o fato de serem construídos socialmente nos documentos através do socioleto fascista, sempre pejorativo, pouco permitem a construção autônoma de quem eram, obrigando o historiador a uma leitura a contrapelo. Sobre o papel das mulheres como “andarilhas” e “desocupadas” as fontes são claras: o nomadismo social era um projeto de vida masculino, quase cerrado às mulheres. Além do Estado nazista, e seus congêneres locais, não fornecerem “passes” ou identidades de “andarilho” – “*Wandererausweis*” – para as mulheres, as prisões realizadas em massa – em especial a partir da chamada “*Juniaktion*”, em junho de 1938 – apresentam um número bastante reduzido de mulheres^{xxiii}. Num único relatório local, da cidade de Bielefeld, de 1 de novembro de 1938 – derivado de uma *razzia* contra os “andarilhos” – são presos 94 homens e apenas 4 mulheres^{xxiv}.

Alguns casos podem aclarar um pouco a escolha de tais indivíduos em se colocarem tão claramente como modelos de vida para inconformistas antissistema. Alguns eram bastante jovens e desde o primeiro emprego, ou mesmo na rotina da escola, não se adaptavam, ou não aceitavam as imposições produtivistas de tipo fordista que colonizavam, então, o conjunto da sociedade. O advento do nacional-socialismo só fez acelerar, sob forma ainda mais opressiva, as regras de um sistema social baseado em ideias de ordem, limpeza, produtivismo e disciplina. Alguns eram também jovens, porém já casados e afetados por uma situação que não

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

estavam, de fato, preparados para viver e suportar. A rotina do trabalho – extremamente mal pago conforme as pesquisas apresentadas por Jürgen Kuczynski (1904-1997), o grande historiador do trabalho e da classe operária alemã, que demonstrou como a recuperação da economia alemã, nos anos pós-Crise de 1929 e em especial pós-1933, se fez às custas dos salários reais da classe trabalhadora^{xxv}. Assim, a rotina da fábrica, dos serviços não especializados, muito centrados ainda na força física, por salários ao nível da subsistência, acabava por desesperar muitos dos trabalhadores jovens. O diagnóstico de “*Arbeitsscheu*”, de desocupação voluntária, quase sempre associada ao alcoolismo poderia, muito bem, ser invertido. O alcoolismo, uma verdadeira epidemia, então, entre jovens das classes subalternas, emerge muito mais como consequência de uma superexploração constante e da imposição de uma rotina burocrática e mecanizada do trabalho, do que como causa da recusa ao trabalho. A leitura dos documentos estatais sobre a existência de “*associais*” no Terceiro Reich – e temos uma imensa coleção de pareceres, livros e artigos e até mesmo congressos médicos – sob o “*parasitismo social*” e as causas “*biológicas e raciais*” da negação dos padrões de vida das classes subalternas. Médicos, assessorados por advogados, participaram ativamente da construção de um modelo “*saudável*” de camaradagem ariana^{xxvi}. No seu conjunto podemos perceber que a maioria dos diagnósticos, médicos ou jurídicos, contra a “*vadiagem*” e

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

a desocupação visava a repressão daqueles considerados “associais” e se negam a buscar as causas do fenômeno.

O Caso de Eduard A., nascido em 1893, internado num campo de concentração em 30 de outubro de 1936, em virtude de gastar seu salário, costumeiramente, com bebidas, deixando a família – mulher e um filho – sem apoio e obrigados a recorrer aos serviços sociais da instituição de apoio social do bairro, é bastante significativo^{XXVII}. Quando de sua entrada no KZ de Dachau ele promete que mudaria de vida e se dedicaria ao sustento da família. Eduard A. era, de formação, um peão de obras, trabalhando para a empresa de construção de estradas Karlsfeld Radfahhweg, recebendo 75 centavos de Reichsmark por hora, perfazendo um salário de RM 30,00 por semana. Uma mínima cesta básica, por semana, custava caro para um trabalhador, com um quilo de pão custando 14 centavos, um quilo de açúcar cerca de 40 centavos, um quilo de farinha (de trigo) cerca de 25 centavos e um quilo de salsichas, as mais baratas, cerca de RM 2.50,00 ou RM 3.50,00. Por vezes, Eduard A. havia vendido a sua bicicleta, e da esposa, para pagar as dívidas. Visando garantir alguma renda extra, se inscreve nas tropas de assalto das SA/*Sturmabteilung* – sim, Eduard A. era um militante nazista que havia aderido às SA antes da tomada do poder em 1933, como aconteceu com milhares de trabalhadores desempregados em 1929. No entanto, nas SA havia feito dívidas não pagas e declarações críticas sobre líderes da organização que recebiam RM 300,00 por mês, sendo,

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

então, expulso da organização. Em 6 de dezembro de 1936, Eduard foi denunciado pela esposa, que estava então, com os filhos, dois agora, em extrema pobreza. Edward é preso e condenado a três meses de trabalhos forçados em Dachau. Em nenhum momento foi trazido perante um médico ou o alcoolismo contumaz foi considerado uma doença, sendo tratado como “preguiçoso” e “...incapaz de fazer alguma tarefa de forma ‘ordentiliche’”. Por causa de seu mal comportamento em Dachau foi condenado, em 1937, a mais três meses de prisão com trabalhos forçados. Em 29 de abril de 1937, após cumprir sua pena e comprometer-se a mudar de vida, o ex-SA foi libertado de Dachau. No entanto, após sua libertação, Eduard prefere desaparecer, não mais voltando para casa^{xxviii}.

O caso de Eduard A. é revelador de um perfil de um sugerido “antissocial”, no caso um alcoólatra, que rejeita a ordem produtivista-fordista e suas implicações na vida social. Ao longo de sua trajetória, nas SA ou na prisão, não foi oferecido ao “companheiro” nenhum tratamento do alcoolismo, considerado como uma falta de caráter de caso pessoal, não uma doença.

Era em torno de tais figuras – com suas atribuladas histórias de vida, com aventuras de servir ao Estado e enganar o Estado – que muitos jovens se reuniam, como uma espécie de escape ao caráter sufocante da combinação de produtivismo-fordista e Estado nacional-socialista. Todo “wanderer” ou “bettler” possuía uma história

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

prévia de fracasso na inserção rotineira do modo capitalista-fordista que nas repetidas narrativas transformavam-se em formas de *Resistenz*.

Em todas as análises feitas sobre a repressão aos antissociais os órgãos do Estado nazista apresentam uma clara avaliação do custo financeiro da conduta dos acusados: quando custa ao dia a manutenção de um doente mental ou físico, de um preguiçoso”, um alcoólatra e de ladrões de quintal. Comparam tais “custos” com quanto poderiam ganhar, os mesmos, se fossem “trabalhadores úteis”, para concluir que não caberia à comunidade de homens sãos, saudáveis, ordeiros e disciplinados manter o “peso econômico” de tais “parasitas”, para concluir que a única solução – como no Caso de Eduard A. – é a internação num campo de concentração com trabalhos forçados. Mesmo aí, calculam-se as custas e a natureza do trabalho do interno – no caso de Eduard, seu trabalho é considerado “desleixado” e “inadequado” para a sociedade – o que poderia resultar na sua simples execução.

O jornal nazista “*Volkischer Beobachter*”, de 20 de julho de 1936, considerava a maior parte dos “tipos” de associais como irrecuperáveis e os custos derivados de sua manutenção – em asilos, hospedarias, manicômios, hospitais – como por demais pesados. Segundo o jornal – órgão oficial do NSDAP, desde 1923, dirigido pelo ideólogo nazista Alfred Rosenberg, com uma tiragem diária que

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

chegou a 1.7 milhão de exemplares – calculava que a internação de um indivíduo “associal” custava aos cofres públicos cerca de RM80,00 mensais e se tivesse uma família de cinco membros tal quantia poderia custar até RM 200,00 mensais, num momento em que o salário de um operário médio era de RM 108 e de uma operária de RM 64,00 aproximadamente. Por hora, uma média de remuneração de um trabalhador braçal variava entre 60 e 81 centavos, dependendo da região e da especialidade do trabalho. Assim, os custos pela manutenção de um “associal”, e de sua família, apareciam absurdos e um lastro sobre o conjunto da sociedade. O “*Volkischer Beobachter*” defendia, pois, a esterilização das mulheres e a internação de homens em campos de trabalhos forçados, com o radical impedimento de sua reprodução física – o que poderia ser um eufemismo para “extermínio pelo trabalho” ou entre os médicos da AT4, de eutanásia estatal – como a única solução para os altos custos de manutenção, sem sucesso, de “*vidas indignas de serem vividas*”^{XXIX}. As objeções das Igrejas, em especial da Igreja católica – que mantinham casas de acolhimento –, contra as esterilizações e prisões em massa e a eutanásia estatal, em especial depois de 1935, eram consideradas como obstruções da ação do Estado e uma forma de manter o controle sobre hordas de inúteis^{XXX}.

As determinações do Estado e do Partido – incluindo a “*manutenção da casa em ordem e limpa e a dedicação ao trabalho*” – eram objetivos de sobrevivência da Raça ariana e a desatenção a

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

tais medidas não só feriam os deveres com a raça, como constituíam-se em crime contra o Estado. Em uma das muitas razzias contra “associais”, em 1935, foram presas 84 pessoas, entre elas 11 mulheres, acusadas de descaso com a casa, a limpeza e a manutenção da família^{xxxI}. Numa lista de identificação de andarilhos, todos tomados como “associais”, feita pela Krimpo, em 1938, são listadas, em Bielefeld, 97 pessoas como “associais”, sendo apenas 4 delas, mulheres^{xxxII}. Bielefeld tinha então uma população de cerca de 100 mil habitantes e junto da prisão e deportação dos chamados associais foram presos e internados em campos de concentração 1.604 judeus. Todos seriam vítimas do Holocausto.

Assim, mesmo sendo os homens o alvo central da repressão nazista contra os chamados associais, as autoridades nazistas eram particularmente duras com as mulheres que não aceitavam o papel que lhes era indicado pelo Estado e o Partido. A mulher, vista como base do lar – responsável pela geração de filhos, sua boa criação, a limpeza e o caráter salubre da casa – arcava com uma imensa responsabilidade perante a política de “cultivo” – “*Auslese*” – da raça. Embora, como afirmamos antes, fossem raras as mulheres que se tornavam “andarilhas”, havia uma imensa vigilância sobre a qualidade da casa e da família, com frequentes acusações de “*Asoziale*” – em vez de *Wanderer* – contra mulheres que recusavam as múltiplas tarefas do lar.

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

Um exemplo claro é de uma família, identificada pela funcionária do Partido responsável pelo apoio familiar, em 1939, como indigna para qualquer ajuda do Estado. A família em pauta, identificada na documentação como “Família da Viúva A.” é descrita em seu conjunto, como sendo formada por membros totalmente “antissociais”. O pai era um trabalhador em uma olaria, falecido, deixando a família aos cuidados da esposa, a identificada “Viúva A”. O casal teve durante o casamento oito filhos. O próprio “Senhor A.”, desde 1933, foi alvo de 19 ações policiais por bebedeira e perturbação da ordem; a esposa, a Viúva A, fora alvo, por sua vez, de ações policiais por insultos e mantinha a casa e orçamento familiar em completa desordem. Uma das filhas, a chamada “Filha B” fora advertida por mal comportamento e a “Filha C”, era casada com um indivíduo considerado também como “antissocial”, não conseguindo sustentar a família; a “Filha E”, casada, com filhos, também não conseguia sustentar a família na ausência do marido e não aceitava nenhuma oferta de empregos oferecidos pelo serviço e a “Filha H”, *“...embora mantivesse uma casa ordeira havia sido, em todo caso, já advertida [sic]”*. A própria Viúva A, nascida em 1868 – portanto uma senhora já com 70 anos na ocasião dos eventos –, contrariada pelo serviço familiar nazista, escreve uma carta diretamente ao Ministro do Interior, Wilhelm Frick, afirmando que *“...cumprira com sua missão de “mulher alemã”, tendo 8 filhos, dos quais 6 estavam vivos, e não considerava justo não conseguir apoio do Estado”^{xxxiii}*. Malgrado seus

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

esforços, a Viúva A. não conseguiu o suporte financeiro esperado, mesmo reclamando com o ministro. A mentalidade nazista, embora fosse profundamente natalista e apoiasse as grandes famílias, valia-se de um filtro que impunha regras da salubridade, disciplina e limpeza tão tipicamente eugenistas, aos quais a Família da Viúva A. não tinha as condições mínimas para alcançar.

O caso de Margarete K. é exemplar^{xxxiv}. Tratava-se de uma jovem nascida em 1919, portanto com 16 anos quando entrou, definitivamente, no arquivo de “associais” da comuna de Eisleben, na Saxônia^{xxxv}. Margarete havia nascido numa família já problemática, para os moldes do serviço social alemão, muito próxima da completa pobreza e sem a presença do pai. Em verdade, a avó materna era quem mantinha e sustentava a família formada por mãe e quatro filhas. Já aos 16 anos “Grete”, como era chamada pelos amigos – um “clique” local que a Krimpo procurava desbaratar –, abandonou os estudos e passou a frequentar bares e locais de grupos de inconformistas, ditos “desajustados”, cujos membros, por vezes, eram acusados de pequenos crimes – alcoolismo, pequenos furtos, brigas de rua. Após ingressar nesse grupo, “Grete” passava as noites fora e só retornava pela manhã, às vezes embriagada, segundo relato da mãe. Em tais ocasiões era fortemente agredida, xingada de forma pesada e ameaçada de ser posta na rua. Perante o serviço de jovens da comuna – “*Jugendamt*” – desde 1935, “Grete”, então com 16 anos, foi instada a aceitar um trabalho fixo e mudar seu estilo de vida,

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

surpreendendo, entretanto os funcionários, ao afirmar que *“Eu não preciso trabalhar! Vocês não sabem absolutamente nada sobre o que é a vida!”*^{xxxvi} Evidentemente um ato tão abertamente de revolta e desobediência impressionou muito mal os funcionários nazistas – o chefe dos serviços sociais local, e depois prefeito de Eisleben, Ernst Heinrich, membro do NSDAP desde 1933 –, considerou a trajetória de *“Grete”* *“anti-ariana”* e pediu a imediata internação da jovem. Debochar do trabalho e da noção de *“...ser útil ao Reich, ao Führer e a Raça”* era, de fato, uma completa heresia aos olhos das autoridades nazistas. *“Grete”* ainda desafiava o *“Fürsorgeamt”* local pelo fato de nunca ter recorrido aos serviços públicos em busca de recursos, emprego ou apoio de qualquer tipo, assim não se enquadrava, exatamente, no critério de *“parasita social”* vivendo às custas do Estado, como qualificava o Nacional-socialismo aos tipos considerados associais.

No entanto, a partir de 31 de dezembro de 1935, *Grete* precisou, então, de cuidados médicos, posto que fora contaminada com blenorragia – doença que passou a acompanhá-la, malgrado os difíceis tratamentos, pelo resto da vida. Na família, e nos serviços sociais, foi acusada de manter-se através de relações sexuais promíscua com vários indivíduos. Não foi acusada formalmente de prostituição, não havia nada concreto apontando neste sentido – *“a utilização comercial das relações sexuais”*, como registra o relatório –, mas foi considerada totalmente *“...desprovida de caráter e de noções*

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

morais”, e passou, assim, a ser uma *“Asoziale”*. A recusa de um trabalho fixo, a noção de “viver a vida” sem culpa e, como registra o relatório, a prática contínua de relações sexuais sem fins reprodutivos, somado a doença sexualmente transmissível, era, no nazismo, o nível mais baixo que uma mulher alemã poderia atingir.

Em 1937, pouco antes dos 18 anos, “Grete” foi contaminada com a sífilis. Numa época pré-antibióticos não só os tratamentos eram brutais, como ainda recorrentemente inúteis, o que debilitou a saúde e as condições de vida de “Grete”. O “tratamento” era feito, na Alemanha, à base de aplicações, pomadas e injeções de mercúrio e arsênico, de caráter extremamente perigoso e extenuante, em hospitais cercados de estigmas sociais e raciais^{xxxvii}.

Desde então Grete ficou obrigada a comparecer regularmente ao *“Gesundheitsfürsorge”* – o Departamento de Saúde local – para verificação do andamento da doença. Cada visita era marcada por insultos, advertências e afirmações de sua “inutilidade para a Raça”. A “Avó K”, com quem residia Grete, passou a queixar-se ao “Departamento de Saúde” da desobediência da neta e que, a mesma, continuava a sair à noite e só retornar pela manhã. Nesta situação “Grete” foi internada, aos 18 anos, na “Instituição Borsdorfer” para tratamento de saúde. Não temos, ainda hoje, na historiografia sobre as instituições médicas durante o Terceiro Reich, uma monografia sobre as práticas curativas desenvolvidas em tal instituição, contudo

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

sua denominação, a partir de 1933, como uma instituição com *"Innere Mission"* – uma missão interna – aponta para as instituições que praticaram os métodos e experimentos propostos pela noção de saúde da raça pelo nazismo^{xxxviii}. Depois de uma longa internação, "Grete" foi liberada e colocada sob cuidados de sua avó, que passou a tratá-la de forma brutal – o próprio relatório nazista nos diz que avó a mantinha *"...sob os piores insultos e palavrões"* – culminando, em 18 de junho de 1937, quando Grete tinha então 18 anos, na sua internação no hospital da Diaconia de Halle, para esterilização, sem consulta, sob justificativa de *"perigo e inutilidade da raça"*. Um mês mais tarde, em agosto de 1937, foi novamente internada com uma infecção generalizada no abdome, possivelmente em razão da blenorragia crônica e de infecção hospitalar contraída durante o processo de esterilização. Com alta, embora extremamente enfraquecida e ainda portadora de sífilis e blenorragia, sem condições de voltar para casa da avó, Greta K desaparece do radar da Krimpo, do *"Gesundheitsfürsorge"* e, conseqüentemente, do nosso próprio olhar. As autoridades nazistas declaram que "Grete" fugiu das instituições médicas para dedicar-se à prostituição^{xxxix}, uma última acusação contra a jovem já acusada de associal, preguiçosa, moralmente sem noções básicas de convivência na comunidade ariana, alcoólatra e desobediente.

Não podemos garantir a afirmação da veracidade da informação do *"Fürsorgeamt"*. Inúmeras pessoas, como as crianças

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

das “Instituições Borsdorfer” também “sumiram” sem rastros sob o Terceiro Reich. Uma “contra imagem” dos andarilhos, vagabundos e desocupados que o Estado e o Partido produziam em massa para “educar” a população – havia uma grande resistência em prender como criminosos elementos que desde a mais recuada Idade Média faziam parte da paisagem social alemã – emerge da carta escrita pelo preso Antonius S., o “Anton”, um trabalhador em minas de carvão, então com 28 anos, que escreve a sua mãe narrando sua prisão. Antonius escreve, em, 1934, que novamente estava internado num campo de trabalhos acusado de vadiagem e mendicância, onde era tratado *“como um cão ou menos que isso”*, e que durante os julgamento os *“Herren von Gericht”* – os senhores do tribunal – se recusaram a ouvir seus argumentos e as razões porque estava desempregado e que *“...os poderosos senhores simplesmente riem da nossa condição”* [*...lachen bloß dazu!*] e que *“...se reusam a entender porque não temos uma vida tão boa [“...ein feines Leben”] quanto os poderosos”*. Antonius, com 28 anos, reconhece que já perdeu metade de sua vida e que caso consiga sair da prisão iria buscar uma nova vida – embora os termos da carta sejam profundamente pessimistas. Antonius reconhece que estava numa condição em que suas expectativas estavam *“profundamente estragadas”* e que possivelmente, caso não pudesse ter uma chance de recomeçar, sua vida estava acabada. Pede, por fim, que a mãe não escreva e se despede. “Anton”, como ele mesmo assina, foi

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

transferido para vários campos de trabalho, morrendo de maus tratos no campo de concentração de Sachsenhausen, nas imediações de Berlim, em 1942, aos 36 anos de idade^{XL}.

Era comum que tais “associais” reunissem pequenos auditórios de jovens inconformistas para informalmente contar suas aventuras. Mesmo quando tais “associais” permaneciam por pouco tempo, num parque ou numa instalação abandonada às margens do Reno ou do Danúbio, reuniam um círculo de adolescentes que repetiam suas histórias^{XLI}. Tais jovens, por sua associação com tipos considerados criminosos e pela romantização de tal tipo de vida – um fenômeno típico do século XIX –, eram particularmente buscados pela política nazista. Desde 1939, o Ministro da Justiça do Reich, o eterno Franz Gürtner – foi ministro entre 1932 e 1941, servindo aos governos Von Papen, Schleicher e Hitler – chamava a atenção para uma maior vigilância em locais públicos de reuniões. Como a OVRA italiana preocupada com os bordéis, Gürtner voltava sua atenção para os banhos públicos, piscinas, passeios coletivos, toaletes onde poderiam se ocultar tais associais e, mesmo, serviços religiosos, onde poderiam surgir “murmúrios” e boatos antinacional-socialistas sobre o destino dos tipos inúteis. Para tal vigilância convocava-se a Gestapo e advertia-se que mesmo os funcionários do Estado deveriam ser vigiados de perto e de forma constante^{XLII}. Particularmente a “*Krimpo/Kriminalpolizei*”, a Polícia Criminal, desempenhou um papel de destaque no “combate” ao que chamava “a peste” do parasitismo

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

social. Entre os muitos alvos da Krimpo se destacava o combate aos chamados “ciganos”, o povo *Roma & Sinti*, típicos por seu nomadismo social, considerados racialmente como “*Minderwertigen Menschen*”, pessoas inferiores, e inúteis para o trabalho e a produção econômica do país. Associava-se ao povo *Roma & Sinti* com o roubo, a vadiagem, roubo de crianças, danos às propriedades e uma ameaça à raça ariana, já premeditando-se o extermínio massivo da população “*roma*” da Alemanha e, mesmo, da Europa^{XLIII}.

Um segundo grupo era formado pelos (ii) “*bandos com algum tipo de motivação política*”, e, no entanto, sem qualquer programa ou ideal político ou partidário específico. Muitos dos acusados por ações criminosas eram declarados “*parteilos*” – sem partido – ou “*unpolitisch*” – não políticos – e, mesmo assim, presos e enviados para campos de concentração. Não havia, para as autoridades nazistas, nenhuma contradição em tais ações. Pessoas, mesmo sem filiação partidária ou política, podiam ser ameaças ao sistema político do nacional-socialismo simplesmente por sua existência, fossem antissociais, judeus ou ciganos. Portanto, sua prisão e encarceramento, e em pouco tempo o extermínio, era um ato, mitificado, de defesa política da comunidade ariana. Os órgãos de repressão nazista consideravam como “política” qualquer atitude ou crítica aos métodos e hierarquias da “*Hitler-Jugend*” ou o “*Deutsche Arbeitsfront*”, ou contra os ideais do Nacional-socialismo, contra a guerra ou o serviço militar, ou o racionamento e o blecaute.

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

Por vezes, alguns desses jovens possuíam alguma experiência política anterior, muito pouco orgânica – os militantes ativos estavam presos, mortos ou exilados ou, então, trabalhavam na clandestinidade – mas, com críticas diretas ao Terceiro Reich. Nas suas reuniões cantavam canções políticas contra o Estado, algumas piadas ridicularizando as lideranças do Partido ou do Estado e admiravam a cultura anglo-saxã. Estes compunham grupos que possuíam alguns princípios de camuflagem e de cuidados, posto as atenções das polícias, tanto a Gestapo quanto a Krimpo, estarem particularmente voltadas para eles.

Por fim, havia um terceiro tipo (iii) *considerado de “atitudes liberal-individualistas”*, com baixo ou pequeno interesse em debate políticos, ou sem envolvimento direto com andarilhos e desocupados, mas com uma grande fixação pela cultura britânica, em especial a chamada *“hot music”*, o jazz, o mambo, blues e souls, por isso mesmo chamados de *“swingsdancer”* ou *“swings kids”*. Ao contrário dos adolescentes atraídos pelas histórias dos andarilhos antissistema ou daqueles que tiveram, quando crianças, um pai ou irmão mais velho militante político, e pertenciam aos estratos mais subalternos da sociedade, os *“swingsdancer”* eram, em sua na maior parte, provenientes das classes médias superiores e, mesmo, de grupos sociais abastados, com condições de acesso a discos, revistas e rádios emissoras britânicas e, desta forma, à música norte-americana. A repressão fascista os considerava *“individualistas”* e

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

egoístas contumazes, “...voltados sempre para os prazeres sociais, sexo e devassidão”^{XLIV}. Mesmo sendo individualistas, seu conhecimento do exterior e de sua cultura e sua exposição ao “liberalismo decadente” dos anglo-saxões acabavam por desenvolver, nos grupos, uma ácida crítica ao “espírito” e visão de mundo nacional-socialista, com a negação ao sistema de disciplina e ordem por ele imposto, e por vezes aderiam a formas clandestinas de oposição mais bem estruturadas. De qualquer forma, nos três grupos, era muito rara a participação de adultos – ou seja, maiores de 18/21 anos – e, raras vezes, de antigos militantes antifascistas, ou por razão da conscrição militar ou em razão da vigilância da repressão sobre notórios dissidentes políticos. No entanto, nas grandes cidades industriais alemãs, como Stuttgart, Mannheim, Dusseldorf – e principalmente nos bairros operários berlinenses, como no chamado “*Rote Wedding*”, o Wedding Vermelho – bairro berlinense de fortes tradições operárias e longo enraizamento das Esquerdas –, havia, ainda, a presença de uma cultura popular, operária, socialista ou comunista, ou em qualquer caso, antifascista, que ainda influenciava a geração mais nova, e mesmo quando nas fileiras da “*Hitler-Jugend*”, onde mantinham uma postura crítica ao regime^{XLV}. Também as organizações católicas e suas formas de sociabilidade – como esportes, festas e reuniões de jovens – deveriam ser estritamente vigiadas, posto haver, segundo um relatório do notório Presidente da *Volksgerrichtshof*, uma clara infiltração comunista – o permanente

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

motivo e desculpa para prisões e execuções sumárias – nas organizações do clero católico. Em 1942, em Berlim, 14 líderes da juventude católica foram presos sob acusação de ações e atitudes antinacional-socialistas, através da “...reunião de membros das associações de moços católicos com grupos de jovens comunistas para a derrubada do Nacional-socialismo”^{XLVI}.

Em seu conjunto, a Gestapo e a Krimpo, consideravam todos os jovens e adolescentes envolvidos nas variadas formas de “*cliquen*” como provenientes de famílias desorganizadas, moralmente degradadas e renitentes em aceitar os princípios fundamentais da comunidade ariana nacional-socialista. A condenação moralizante, a moral do Terceiro Reich, apresentando famílias como antissociais, servia para ajustar, para todos, pesadas penas punitivas. Com perplexidade, no entanto, os memorandos policiais eram obrigados a reconhecer que muitos dos jovens envolvidos nas “*cliquen*” eram provenientes de famílias operárias ou de boa formação profissional e social, gente considerada como “*ordentliche Familien*”. Somente a negligência ideológica, no âmbito familiar, e na educação, bem como falhas nas organizações como a “*Hitler-Jugend*”, poderiam explicar a multiplicação dos grupos rebeldes.

A guerra, depois de 1939, paradoxalmente, fez com que os grupos inconformistas aumentassem, em boa parte devido aos sentimentos “pacifistas” dos jovens, malgrado a propaganda da

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

pretendida da causa nacional-socialista. O diagnóstico policial sobre as causas da rebeldia juvenil era sempre de tipo moralizante apontando falha na educação nacional-socialista e desleixo das famílias na educação. O nacional-socialismo, como todas as formas de fascismo, não distinguia a existência de esfera privada da condição humana, negando sua autonomia frente ao Estado, e considerava a liberdade individual como um valor muito inferior ao bem-estar e a manutenção coletiva da *"Volksgemeinschaft"*. Daí a culpabilização do ambiente familiar e escolar, bem como as falhas de vigilância, como elementos não suficientemente fascistizados, daí derivando a "negligência ideológica"^{XLVII}.

Kaltenbrunner, já em 1944, reconhece não haver no Reich uma legislação específica que proibisse a reunião de jovens ou festas particulares. Contudo, sabendo-se que os participantes desenvolviam um grave espírito crítico contra o Nacional-socialismo, dever-se-ia aplicar toda e qualquer legislação pré-existente na sua repressão – desde vadiagem até prejuízo do esforço de guerra – para promover um "choque" nos diversos segmentos de adolescentes e jovens e, assim, desanimar a realização de tais eventos. Toda organização de jovens, para quaisquer objetivos, desde um piquenique até um jogo de futebol, só poderia se realizar no âmbito da *"Hitler-Jugend"*, e quaisquer outros eventos, fora de tais enquadramentos, estavam proibidos. A realização de reuniões autônomas era considerada uma ameaça às diretrizes do Partido e minava a confiança da população

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

no Estado. As constantes diretrizes repressivas do Reich, e as prisões daí decorrentes de jovens, expressavam o “Projeto Totalitário do Nacional-socialismo” e, também, a impossibilidade de sua realização, contrariado e enfrentado por grupos, entre outros, de jovens tão pouco organizados.

Os presos deveriam imediatamente ser levados os “*Jugendschutzlager*” – campos de concentração ditos “para proteção dos jovens” – quando menores de 18 anos e os casos considerados irrecuperáveis, por convicção política, preguiça ou egoísmo social deveriam ser levados, de imediato, para os grandes “*Lager*”, como Dachau ou Sachsenhausen, para a reeducação pelo trabalho, o que resultava, na maioria dos casos, na morte dos presos. Os números específicos de adolescentes e jovens presos em tais condições não são apresentados pelos serviços policiais do Reich. Apenas citam uma série absurdamente vasta de leis, decretos e diretrizes que eram contrariados pelas reuniões de jovens e que poderiam ser utilizados como peças de acusação. No memorando de Heydrich, de 01/06/1938, o “*Obergruppenführer*” nos diz que somente em março de 1938, as ações especiais – “*Sonderaktion*” – da Gestapo havia apreendido 200 jovens, todos do sexo masculino, nas condições de jovens associais membros de “*cliquen*”^{XLVIII}. As prisões deveriam ser mantidas em segredo e os acusados imediatamente transferidos para o campo de concentração de Buchenwald, nas imediações de Weimar^{XLIX}.

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

Todas estas medidas repressivas, e a vigilância permanente sobre os jovens, não pareciam, no entanto, suficientes. Num relatório da Gestapo de 10 de abril de 1940, com o Reich já em guerra, em várias cidades alemães – em especial nas cidades industriais – o informante afirma que os jovens e adolescentes continuavam se reunindo para usar bebidas, cantar ou dançar e que assistiam filmes considerados impróprios, e mesmo proibidos, para a juventude: *“...desde o começo da guerra foi observado um crescente número de jovens que buscam, e assistem, filmes de temática criminal e de formas de “Liebesfilm” – filmes de amor – proibidos para os jovens”*¹¹. Até mesmo cinemas, onde a fiscalização não era devidamente realizada, conforme a repressão esperava, tornaram-se alvos da Gestapo e da Krimpo, como é o caso do cinema *“Glaspassage”*, onde jovens se reuniam para encontros e para assistir filmes proibidos¹². Tais reuniões, ou somente a assistência dos filmes, passavam a se constituir em grave crime, já noticiando a prisão, em um cinema, de 15 jovens, sendo o proprietário do cinema seriamente advertido, bem como de um bar, ao lado, onde os jovens se reuniam, abrindo-se processos judiciais contra ambos.

As autoridades nazistas tinham especial preocupação com filmes intimistas, de dramaturgia pessoal e existencial, que afastassem os jovens das noções de disciplina e das diretrizes do NSDAP. Havia, ainda, algumas produções que em nome da saúde pública e educação higiênica apresentavam cenas consideradas

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

eróticas e longe da função racial do sexo e da reprodução. Causava mal-estar, em especial, a contínua exposição de filmes como *“Schah der Eva”* / *“Xeque-Mate para Eva”*, um filme alemão de 1934, dirigido por Ludwig Schmid-Wildy, a partir de uma peça de 1930 de Julius Pohl, que apresenta uma personagem feminina, *“Hilde”*, vivida pela artista Erna Jaus, de caráter independente, emancipada e que defendia ideias feministas. O filme foi exibido numa sessão noturna com o cinema ocupado por cerca de 70-100 adolescentes e jovens, entre 15 e 18 anos, sem nenhum controle^{lil}. As mesmas críticas se dirigiam aos cinemas que exibiam comédias ligeiras, ou dramáticas, como *“Weltrekord im Seitensprung”* / *“Campão Mundial em Infidelidade”*, filme alemão de 1940, de George Zoch (1902-1944) – ele mesmo um ativo diretor de filmes de propaganda nazistas e *“Ehe in Dosen”* / *“Casamento em Pequenas Doses”*, também um filme alemão no estilo de comédia musical, de 1939, dirigido por Johannes Meyer. Em todos os casos a polícia alemã aponta, mesmo no caso de diretores nazistas, a presença de elementos antinacional-socialista nas obras, como a busca por sexo pré-matrimonial e o papel “pouco recatado” das mulheres, em especial as atitudes e pretensões emancipatórias. Os representantes das polícias nazistas denunciam que os limites de idade para o público não eram respeitados e que havia, mesmo, sessões extras, noturnas, para adolescentes. Estes, afirmava-se ainda, não teriam “maturidade” para entender tais roteiros e assistiam os filmes somente pelas cenas de nudez e das intrigas passionais.

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

O memorando do ministro Frick critica, ainda, a ineficácia da chamada *Hitler-Jugend-Streifendients*, as patrulhas do serviço especial da Juventude Hitlerista no controle dos cinemas, do seu público, em especial dos jovens. Particularmente irritados os agentes da Gestapo criticam o filme *"Frau nach Maß"* / "Uma Mulher sob Medida", dirigido por Helmut Käutner, de 1940. Uma comédia, do tipo comédia de erros ou comédia maluca, que confunde o papel, e o caráter, de duas irmãs gêmeas. Käutner foi um dos mais brilhantes cineastas alemães, autor de uma obra-prima do cinema alemão do período da guerra, *"Unter den Brücken"* / "Sob as Pontes", de 1944, só lançado após a derrota alemã, já em 1946, mostrando dramaticamente que a vida continuava numa cidade em ruínas.

No seu conjunto, a comédia ligeira sobre as mulheres e seus direitos é vista pela censura nazista como uma grave ameaça contra as diretrizes do NSDAP e, por isso mesmo, atraía tanta a atenção dos jovens alemães. A surpresa maior das autoridades nazistas, após prisões em massa de jovens em salas exibindo filmes ditos inadequados, foi encontrar, entre os jovens "rebeldes", membros da própria *Hitler-Jugend*^{LIII}.

Neste contexto os esforços, grandiosos em verdade, do Estado e do Partido nazistas para alcançar, plenamente, a realização do projeto totalitário, falhou. Os fascistas tinham, e com largueza, em suas mãos os instrumentos de repressão violenta, capazes de impor o

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

medo. Por este caminho alcançaram um consentimento silencioso dos grupos, e mesmo das instituições, que entenderam plenamente que a repressão pura, o uso instrumental da violência, pelo Estado NSDAP não poderia, abertamente, ser enfrentado. O uso da violência implicava, como contraparte, no consentimento silencioso da parte sociedade que não aderira ao Terceiro Reich. Mas, o uso irrestrito da violência, invadindo esferas tão íntimas como a limpeza das casas, o aprumo das roupas ou o cinema que os jovens e adolescentes deveriam, ou não, assistir, não conseguiu alcançar o convencimento.

Dos três pilares do projeto totalitário – violência, consentimento e convencimento, o convencimento – no conjunto dos grupos sociais, de gênero e de faixas etárias, nunca foi alcançado. O uso irrestrito da violência, e conseqüentemente o medo, pode ser livremente usado, mas não foi capaz de silenciar todos todo o tempo. Além de formas políticas organizadas na resistência clandestina – comunistas, socialistas, católicos, judeus e evangélicos – vastos setores sociais entenderam bastante bem que o fascismo era o livre uso da violência contra os inconformistas, os renitentes, os causadores de problemas e os que desafiavam os conceitos burgueses de limpeza, salubridade, pontualidade, disciplina e produtividade. Cada um de tais princípios – em si mesmos não fascistas, e mesmo pré-fascistas, mas levados ao extremo com uso da violência para sua implantação sob os fascismos, só conseguiu impor um consentimento silencioso – ora

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

passivo, ora atentista, ou ainda dissimulado. Um consentimento escorado tão somente no medo.

O terceiro elemento central para a realização da tríade do projeto totalitário, o convencimento, não foi, por sua vez, jamais aceito por amplos segmentos da sociedade sob o fascismo. Houve um império da violência, mas todo o tempo desafiado por pessoas simples, "*die kleine Leute*", nos âmbitos mais diversos da sociedade. A violência gerou um consentimento silencioso, passivo, dissimulado ou, ao contrário, a rebeldia, porém o convencimento não pode jamais ser alcançado. O seu desafio veio, desde o início, na busca e na resiliência por parte de pessoas comuns, anônimas, apegadas a comportamentos antigos, pré-fascista e mesmo pré-capitalista, ora em formas de viver antigas, como com andarilhos e os desleixados e preguiçosos em face da ditadura fordista; outras vezes através do sexo e do amor entre jovens, um amor adolescente, curioso, hetero e homossexual, e outras vezes, ainda, via um "*Schlurf*", um arrasta-pé ao som de um trompete, que por uns momentos fazia de um beco ou de vão de ponte de Berlim, algo assim como New Orleans.

Notas

¹ Nesta ocasião Reinhard Heydrich (1904-1942) dirigia o conjunto dos órgãos de repressão do Terceiro Reich, logo abaixo do Reichsführer Himmler. Na condição de "General der Polizei" exercia a liderança da RSHA, incluindo a Gestapo, além do

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

controle da “Polícia Criminal”, Krimpo, e do “Serviço de Segurança”, SD, além de ser o efetivo governador, sob o título de “Protektor” da Boêmia e Morávia, atual República Tcheca ocupada pelos nazistas. Foi o diretor e organizador da chamada Conferência de Wannsee, em janeiro de 1942, onde se traçam as linhas mestras do Holocausto. Foi morto num atentado de nacionalistas tchecos, sendo substituído no cargo por Ernst Kaltenbrunner, entre 1943 e 1945.

^{II}Bundesarchiv/Stiftung Abteilung Partei und Massenorganisationen (doravante BA/SAPMO.) Reichskriminalpolizeiamt/tgb. Nr. HKPA, 60.01/295.38, 01/06/1938, cota R58/473.

^{III} Para uma sociologia do trabalho nas sociedades capitalista-fordistas ver Wright Mills, Charles. *White Collar: The American Middle Classes*, Oxford, University Press, 1951.

^{IV} Gramsci, Antonio. *Americanismo e Fordismo*. In: *Obras Completas*, Porto, Editora Portucalense, 1974.

^V Coriat, Benjamin. *Látelier et le cronomètre*. Paris, Bourgois, 1994.

^{VI} Um bom exemplo de tal valorização das formas de resistência organizada e de descarte das formas populares de inconformismo e dissenso está em: Kochanski, Halik. *Resistance. The Underground War in Europa, 1939-1945*. Londres, Penguin Books, 2022. Trata-se, pois, de um livro recente, posterior aos importantes debates – registrados nos capítulos iniciais deste trabalho como já parte da historiografia dos fascismos – sobre a resistência civil na Alemanha e utilizando uma expressão típica das formas populares de resistência – Underground – sem, contudo, considerar tais formas não-organizadas e não-militarizadas como merecedoras da atenção do historiador. É interessante, ainda, destacar que o próprio Heydrich, no seu memorando de 1938 utiliza a expressão “Widerstand” para caracterizar a postura dos jovens componentes das “cliquen”.

^{VII} Sobre o conceito de “Bürgerliche Courage” e “Moralische Pflicht” ver: Janssen, Michael et alii. *Gemeinsame Verantwortung und Moralische Pflicht*. Göttingen, Wallstein Verlag, 2007.

^{VIII} Para a tradição de lutas dos grupos subalternos ver: Hobsbawm, Eric. “A Outra História”. In: Krantz, Frederick (Org.). *A Outra História*. Rio de Janeiro, Zahar, (1985), 1990, pp. 18-33.

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

^{ix} Sobre a situação da população alemã sob os bombardeios aliados ver: Friederich, Jörg. *Der Brand. Deutschland im Bombenkrieg, 1940–1945*. Munique, Propiläen, 2002, p. 505 e ss.

^x Bundesarchiv/Abteilung Pareti und Massenorganisationen. Der Reichsführer –SS und Chef der Deutschen Polizei. SVA, Nr. 2530/44, 25/10/1944. Cota 58/473.

^{xi} Bundesarchiv/SAPMO, 1/06/1938, p. 187.

^{xii} Bundesarchiv. Reichsminister der Justiz. Hilfskräfte des höheren Dienst, 28/05/1942 Cota R 3016, 1936–1942, dá notícia de cinco rapazes que alegando motivos variados se negavam ao Serviço Militar. O próprio Hitler acaba por interferir determinando o internamento imediato dos objetores de consciência e dos demais ordenando a internação em campos de concentração ou fuzilamento imediato. Alguns jovens imaginavam que uma prisão por pequeno furto ou por participação em um “clique” seria menos perigosa que o alistamento na Wehrmacht e a Frente Soviética de combates. Daí a brutal intervenção do Führer. Ver: Hitler, Adolf. *Hitlers Tischgespräche*. Organização de Picker, Henry. Munique, DTV, 1968, p. 177 e ss.

^{xiii} Bundesarchiv/SAPMO, SVA, Nr. 2530/44, 25/10/1944. Cota 58/473.

^{xiv} Bundesarchiv/SAPMO, Reichskriminalpolizeiamt/tgb. Nr. HKPA, 60.01/295.38, 01/06/11938, cota R58/473.

^{xv} Uma edelweiss é uma planta alpina, mais conhecida por suas flores características em forma de estrela, rodeadas por uma penugem densa, branca e lanosa. Por sua persistência, e especificidades, é considerada um símbolo de pureza, de vida natural e resistência.

^{xvi} Bundesarchiv/SAPMO, Reichskriminalpolizeiamt/tgb. Nr. HKPA, 60.01/295.38, 01/06/11938, cota R58/473.

^{xvii} Desde 1942 começam a se repetir, com maior frequência, relatórios da Gestapo direcionados a Ministro da Justiça do Reich sobre agitação pacifista nas principais fábricas alemãs. Grandes complexos industriais – como Borsig, Rheinmatal –, em especial em Berlim, dirigem ofícios às autoridades nazistas informando a presença de “agitadores”. Bundesarchiv. Abschrift Na der Reichsminister der Justiz, 05/01/1942, cota R 22 –Hg1, 27..

^{xviii} Para uma visão do papel da escola durante o Terceiro Reich ver Kleindienst, Jürgen (Org.) *Heil Hitler, Herr Lehrer!* Berlim, Zeitgut Verlag, 2000.

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

^{xix} Bundesarchiv/SAPMO, Reichskriminalpolizeiamt/tgb. Nr. HKPA, 60.01/295.38, 01/06/11938, cota R58/473.

^{xx} Idem, ibidem.

^{xxi} Bundesarchiv. Abschrift Pol. S-kr. 3 1682/37/2096, Von Reichsminister des Innern an Gestapo/Verbrechenskämpfung durch die Polizei. Reservado, Berlin, 14/12/1937, cota R 58/473.

^{xxii} Idem, ibidem.

^{xxiii} Denkschrift des Geschäftsführer des Deutschen Herbergsverein.... 01/01/1938. In: Ayaß, Wolfgang. Op. Cit., Dok Nr. 52.

^{xxiv} Fahndungskartei für Asoziale bei Bielefeld, 01/11/1938. In: Ayaß, Wolfgang. Op. Cit., Dok. 80.

^{xxv} Kucysnki, Jürgen. Die Geschichte der Lage der Arbeiter unter dem Kapitalismus. Berlin, Akademie Verlag, 1963, v. III, pp. 23 e ss.

^{xxvi} Sobre a concepção nazista de "parasitismo social" ver: Entwurf des Regierungsrats im Reichsarbeitsministerium ... für Wandererfürsorgegesetz, 1 de fevereiro de 1937. In: Ayaß, Wolfgang. Op. Cit., Dok. 46.

^{xxvii} Beschluß des Bezirksamts Dachau, 29/12/1936 e 03/04/1937. In: Ddie Kommandantur des Konzentrationslager Dachau, 29/04/1937. Staatsarchiv München, LRA 128373, n. Fol. In: Ayaß, Wolfgang. Op. Cit., Dok. 43.

^{xxviii} Beschluß des Bezirksamts Dachau, 23 de dezembro de 1936. In: Ayaß, Wolfgang. Op. Cit., Dok. 43.

^{xxix} Volkischer Beobachter. Die öffentliche Fürsorge keine Versogung für Arbeitsscheue. Munique, 20/07/1936. In: Ayaß, Wolfgang. Dok. Nr. 40. Gemeinschaftsfremde. Materialien aus dem Bundesarchiv. Coblença, 1998

^{xxx} Sobre a esterilização de pessoas e o impedimento de casamento e de formar famílias para aqueles considerados inferiores, não saudáveis e associiais ver: Rede des Reichsinnenministers Dr. Wilhelm Frick auf der ersten Sitzung des Sachverständigenbeirats für Bevölkerung und Rassenpolitik, 28 de junho de 1933. In Ayaß, Wolfgang. Op. Cit. Dok. 5.

^{xxxi} Bedricht über ein Lager für „asoziale“ Fürsoreempfänger, 24/10/1935. In: Ayaß, Dok 34,

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

^{xxxii} Fahndungsgskartei für Asoziale. Bielefeld, 01/11/1938. In: Der Wanderer Nr. 55, 11/12 reproduzido por Ayaß, Wolfgang. Op. Cit. Dok. 80.

^{xxxiii} Bericht der Bezirksfursoger.... 10/03/1939. In: Ayaß, Wolfgang. Op. Cit., Dok. 89.

^{xxxiv} Bundesarchiv. Schreiben des Oberbürgermeisters der Stadt Eisleben an die Provinzialdienststelle Sachsen, 10/10/1938. Cota: R 36/1864, 1938.

^{xxxv} O arquivo de „associais “foi determinado por Reinhard Heydrich e era a primeira etapa de cadastramento daqueles que seriam eleitos para a eutanásia, esterilização e/ou internação e morte num campo de concentração. Ver: Fahndugskartei für Asoziale. Bielefeld, 01 novembro de 1938. In: Die Wanderer 55, Nr. 11/12 série documental organizada por Ayaß, Wolfgang. Op. Cit., Dok.80.

^{xxxvi} Bundesarchiv. Schreiben des Oberbürgermeisters... Op. Cit.

^{xxxvii} Wong, Su Shen. Syphilis and the use of mercury. In: <https://pharmaceutical-journal.com/article/opinion/syphilis-and-the-use-of-mercury#:~:text=Mercury%20was%20the%20remedy%20of,also%20in%20the%20RPS%20collection>), consultado em 29/11/2025.

^{xxxviii} Embora não tenhamos um estudo aprofundado sobre o papel das “Instituições Borsdorfer” durante o Terceiro Reich, sabemos que ao menos duas crianças lá internadas foram tratadas conforme as determinações do Programa AT4, através de eutanásia. Foram eles Olof Eder, nascido em 1940 e morto em 1945 supostamente por um ataque de bronquite e Wolfram Eder, irmão gêmeo de Olof, morto em 1944 por pneumonia, sem pais responsáveis. Outras crianças e adolescentes considerados “inúteis para a raça” lá estiveram internados e perderam-se as trajetórias. Ver: Haus der Demokratie. In: <https://stolpersteine-guide.de/map/staedte/309/apolda>, consultado em 29/11/2025.

^{xxxix} Bundesarchiv. Schreiben des Oberbürgermeister... Op. Cit:

^{xl} Esta carta, um documento de grande valor e ineditismo, localizado pelo historiador Wolfgang Ayaß no Arquivo de Hesse e publicada, como Documento Nr. 29, na coleção de documentos sobre a temática “asoziale”, em: Gemeinschaftsfremde. Materialien aus dem Bundesarchiv. Coblença, 1998.

^{xli} Ainda na década de 1980, antes da reunificação das Alemanha, pudemos observar e conviver, nas periferias de grandes cidades renanas – como Frankfurt, Ludwigshafen ou Mannheim – com muitos andarilhos – “Wanderers” – que

JOVENS CONTRA O TERCEIRO REICH
SILVA, FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA

desdenhavam da nova prosperidade alemã e ainda se recordavam das condições existentes durante a Segunda Guerra Mundial, quando muito jovens saíram de casa e, para fugir ao sistema de trabalho fordista sob nacional-socialista, tornaram-se andarilhos.

^{XLII} Bundesarchiv. Merkblatt für die Behandlung der Landverratsachen durch die Amtsgerichte, Berlim, 27/06/1939, cota R 3017/3.

^{XLIII} Gesetz zum Schutz der Bevölkerung vor Blästigung durch Zigeuner, Landfahrer und Arbeitsscheue, 11 de agosto de 1933. In: Ayaß, Wolfgang. Op. Cit., Dok. 13..

^{XLIV} Idem, ibidem.

^{XLV} A tradição de reunião de jovens, sempre com algum instrumento musical, para passar juntos as tardes de sábado ou domingo, ainda eram comuns na década de 1980, quando jovens se reunindo para cantar, dançar, ir a parques de diversão ou nadar nos lagos de Berlim.

^{XLVI} Bundesarchiv. Bericht des Präsidenten des Volksgerichtshof, 1942-1943. Cota R 3020/1.

^{XLVII} Haus und Arbeitsordnung des Vorsitzenden des bayerischen Landesverbands Für Wanderdienst... 31 de março de 1936. In: Ayaß, Wolfgang. Op. Cit., Dok. 39.

^{XLVIII} Bundesarchiv/SAPMO, Reichskriminalpolizeiamt/tgb. Nr. HKPA, 60.01/295.38, 01/06/11938, cota R58/473.

^{XLIX} Idem, ibidem.

^L Bundeserachiv. Meldungen Gestapo... kulturelle Gebiete Jugendliche in jugendverbotenen Filmen, 10/04/1940. Cota: R 58, 150, RSHA, P. 78 e ss.

^{LI} Idem, ibidem.

^{LII} Idem, ibidem.

^{LIII} Idem, ibidem.